

***Relatório semanal de Conjuntura
e Mercado Financeiro***

(Período de 08/12/08 a 12/12/08)

O Brasil vem se saindo bem na crise, com intervenções efetivas do governo no sentido de evitar uma maior desaceleração da economia, procurando incentivar o consumo e o crédito. Não vamos aqui discutir que medidas foram melhores, quais as piores, quais os riscos. Temos discutido bastante isso ao longo dos últimos relatórios, sempre levantando a bandeira da ação horizontal, sem privilegiar setores específicos. O governo deve incentivar a economia desburocratizando a produção, simplificando a carga tributária e reduzindo os impostos em todos os setores, estimulando assim a produção e a garantia do emprego e renda das pessoas.

O fato, porém, é que estamos cada vez mais inseridos nesta crise mundial, recebendo respingos cada vez maiores. Por exemplo, por melhor que seja a situação das montadoras no Brasil, por maiores que sejam os incentivos fiscais, dificilmente salvaremos aqui no Brasil empresas que desmoronam nos Estados Unidos.

Para piorar, os emergentes começam a dar sinais de fraqueza, com a Rússia entrando em recessão, a Índia tendo queda de produção pela primeira vez em 15 anos, e a China reduzindo o crescimento.

Neste quadro de incerteza, está cada vez mais difícil para as empresas fazerem um planejamento para 2009, sobretudo para o primeiro trimestre. A volatilidade do câmbio assusta e dificulta o posicionamento, e o episódio dos derivativos não está ainda resolvido. A crise provocada pelos prejuízos de grandes empresas, que fizeram contratos futuros apostando na manutenção do dólar baixo, ainda afeta inúmeras empresas e realimenta o clima de desconfiança em relação a elas. Quando surgiu, calculava-se que o prejuízo global seria de US\$ 40 bilhões. Os casos mais conhecidos foram equacionados. Hoje, mais da metade do volume pode já estar resolvido através de liquidação de posições, mas a maioria das empresas, de porte médio, permanece em risco. Quanto maior a alta do dólar,

maior é o buraco que se abre na conta das empresas. Mais dificuldades elas têm de se financiar, mais desconfiança o mercado tem delas.

Apesar da expectativa positiva com a chegada de Barack Obama, dos planos de ajuda que aparecem toda semana e das ações de política monetária com redução de juros nos diferentes países, vemos que o fim da crise ainda está longe, que o dilema entre inflação e crescimento ainda continua forte, trazendo desaceleração no crescimento e risco de deflação.

Cenário Internacional

O Banco Mundial (Bird) divulgou um estudo que mostra que o comércio mundial deverá se contrair pela primeira vez desde 1982, por conta da crise financeira global, chegando a um recuo de 2,1% no próximo ano. O crescimento mundial foi estimado em 0,9% para o próximo ano e, na composição deste crescimento, os emergentes continuarão com crescimento superior, de 4,5%, número que, ainda assim, representa substancial desaceleração já que a estimativa para esse ano é de expansão de 7,9%. Para o Banco, os investimentos também sofrerão grande desaceleração, com queda de 1,3% nos países desenvolvidos. As expectativas para o crescimento do Brasil também foram negativamente revisadas, de 4,3% para 2,8% em 2009.

Pela primeira vez em 25 anos, o mundo deve reduzir o consumo de petróleo frente o ano anterior. A previsão é da Agência Internacional de Energia, que afirmou que o consumo diário deve cair em 200 mil barris este ano, ou 0,2%, na comparação com 2007. A redução do consumo deve acontecer principalmente nos países desenvolvidos e é resultado da crise. A agência afirma que a redução do consumo no quarto trimestre será de 1,6 milhões de barris ou 1,8% em relação ao que estava previsto. Desde que bateu recorde em julho deste ano, o preço do barril do petróleo já recuou mais de US\$ 100,00.

A semana foi marcada pelas negociações para a criação de um pacote de US\$ 15 bilhões de socorro às montadoras norte-americanas. Segundo o governo, o plano teria caráter limitado e de curto prazo, com o montante proposto menor do que o esperado pelas montadoras (US\$ 34 bilhões). As vendas de automóveis caíram rapidamente com a intensificação da crise nos últimos meses, que levou a uma expansão significativa do desemprego, a um forte recuo na confiança do consumidor e aumento nas restrições de crédito. Na sexta-feira, com o final da

semana, veio a notícia do fracasso da tentativa de aprovação do plano. Depois de ter sido aprovado na Câmara, o pacote só conseguiu 52 dos 60 votos necessários para passar no Senado. Essa, na verdade, era uma votação preliminar, que ainda levaria o pacote a uma nova votação. A derrota foi creditada aos sindicatos das montadoras, que não aceitaram uma emenda ao projeto que reduzia salários e benefícios dos empregos. Uma das saídas, agora, pode ser o Executivo usar o dinheiro do pacote já aprovado de US\$ 700 bilhões para emprestar para as empresas, ainda que o plano já aprovado tenha sido para ajudar os bancos.

O presidente eleito Barack Obama voltou a declarar que a criação de 2,5 milhões de empregos está entre os objetivos de seu governo, com a ampliação expressiva de investimentos em obras públicas.

O número de pessoas ingressando pela primeira vez com pedidos de auxílio desemprego nos Estados Unidos atingiu o maior número desde 1982, informou na quinta-feira o Departamento de Trabalho do país. O número subiu 58 mil frente a anterior e atingiu 573 mil pedidos. O número de pessoas que se mantém no programa de proteção ao desemprego também é recorde em 26 anos: 4,429 milhões.

Ainda nos Estados Unidos, as vendas de imóveis pendentes em outubro continuaram em queda, de 0,7% na margem, diminuindo o ritmo observado nos meses anteriores (em setembro o recuo foi de 4,3% na mesma base de comparação). O resultado veio acima do declínio de 3% esperado pelo mercado, mas ainda não é encarado como alento para a crise imobiliária norte-americana. Com o aumento do desemprego, a queda na confiança, tanto dos investidores quanto dos consumidores, e com crédito ainda escasso o setor deverá continuar enfraquecido nos próximos meses.

A balança comercial norte-americana registrou um saldo deficitário de US\$ 57,2 bilhões em outubro, abaixo das expectativas do mercado (-US\$ 53,5 bilhões). Este saldo é resultado da queda das exportações, de 2,2%, em relação a

setembro, atingindo a menor marca em sete anos, enquanto que as importações retraíram 1,3%. Esse é o terceiro mês consecutivo de queda das exportações, reforçando que o enfraquecimento da economia americana está ocorrendo de forma mais acelerada que o esperado. As exportações foram impulsionadas para baixo pelos setores automobilístico, químico e de alimentos. O índice de preços de importados mostrou deflação de 6,7% em novembro, na margem, a menor taxa desde 1988, e 4,4% na comparação interanual, surpreendendo as estimativas (de -4,9% e 4,4%, respectivamente). Mesmo que grande parte dessa retração tenha sido resultado da forte queda dos preços do petróleo, outros itens também tiveram seus preços reduzidos, como alimentos e automóveis. Excluindo petróleo, os preços das importações ainda seriam negativos em 1,8%.

Os estoques no atacado em outubro registraram a menor taxa de crescimento em sete anos, de -1,1%, surpreendendo as expectativas do mercado (-0,2%) e desacelerando em relação a setembro. O destaque ficou por conta dos estoques de automóveis, que recuaram 0,2% na margem e de bens duráveis, com queda de 0,2%. O excesso de estoques levou as companhias a promoverem grandes liquidações no período. Esta semana, entretanto, a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou um pacote de US\$ 14 bilhões em empréstimos às montadoras, para dar suporte ao setor automobilístico. A divulgação do orçamento mensal registrou um déficit de US\$ 164,4 bilhões, acima das expectativas (-US\$ 171 bilhões), sobretudo por causa da ajuda dada pelo governo.

Na Zona do Euro, segundo o boletim mensal do Banco Central Europeu (BCE), a economia global passou por nova fase de aprofundamento da crise econômica, aumentando os riscos para o crescimento. Ao mesmo tempo, as pressões inflacionárias diminuíram consideravelmente, em especial por conta da queda dos preços das commodities. O documento destaca ainda o aumento das incertezas no mercado financeiro, bem como a alta volatilidade do mesmo. O BCE também sinalizou os riscos de uma demanda enfraquecida, como vem ocorrendo nos

países da Zona do Euro, bem como a diminuição dos investimentos. Além disso, há agravamento da situação do comércio exterior, que diminuiu consideravelmente seu ritmo de crescimento, com o desaquecimento da economia mundial e a queda na confiança e no consumo. Por fim, o relatório afirma que as expectativas em relação à atividade são bastante incertas, mas que o enfraquecimento deverá ser mantido nos próximos meses.

A produção industrial da Zona do Euro confirmou o resultado fraco que verificaremos nos dados divulgados para os principais países da região. A atividade industrial da região recuou 1,2% na margem em outubro, quase em linha com as estimativas (-1%), enquanto que na comparação interanual caiu 5,3%, abaixo do esperado (-3,8%). O destaque ficou por conta da produção dos bens de consumo duráveis, que apresentou queda de 8,4% na comparação interanual, e de bens intermediários, que caiu 7,4%.

O Levantamento ZEW, que mede a confiança do investidor europeu, registrou -46,1 pontos em dezembro, acima das estimativas do mercado (-59 pontos), apresentando uma melhora em relação aos últimos dois meses (em novembro, este indicador chegou a -54 pontos). Apesar disto, o indicador permanece num patamar ainda muito ruim.

Na Alemanha, a produção industrial referente a outubro surpreendeu as expectativas (-1,9%) ao registrar queda de 2,1% na margem, em linha com os dados de pedidos às fábricas divulgados na semana anterior que já apontavam para a contração da indústria alemã. Na comparação interanual, a produção caiu 3,8%, abaixo do esperado (-3,6%), mostrando piora em relação ao mês anterior. A produção de bens de capital recuou 4,5% na mesma base de comparação.

A balança comercial fechou superavitária em €16,4 bilhões em outubro, acima das expectativas (€14 bilhões), o que representa um aumento de 15,3% em relação ao mês anterior, sendo que tanto as exportações quanto as importações apresentaram queda, de 0,5% e 3,5%, respectivamente. Já na comparação interanual, o saldo da balança comercial apresentou queda de 13,7%. A conta

corrente também surpreendeu as expectativas somando €15 bilhões, acima do esperado (€14 bilhões). Estes resultados refletem a desaceleração das exportações, principalmente a desaceleração dos pedidos dos Estados Unidos, maior importador de produtos europeus.

No Reino Unido, a produção industrial em outubro caiu 1,7% na margem, abaixo das estimativas do mercado (-0,5%) e do registrado no mês anterior. Comparando com o mesmo período do ano anterior, a produção apresentou queda de 5,2%, bastante abaixo das expectativas (-3,2%). Dez das treze categorias de fatores de produção apresentaram queda em outubro, o maior declínio desde 2005.

A balança comercial britânica ficou acima do esperado em outubro (-£ 4 bilhões), registrando déficit de £ 3,867 bilhões, resultado das exportações que somaram £ 18,56 bilhões, e das importações que totalizaram £ 25,92 bilhões.

O índice de preços ao produtor (PPI) referente a novembro ficou em linha com as expectativas do mercado, registrando queda de 0,7% na margem. O núcleo do índice, que exclui os preços de alimentos e energia, apresentou alta de 0,2%, enquanto que os preços dos produtos derivados do petróleo caíram 8,3%. Comparando com o mesmo período do ano anterior, o PPI expandiu 5,1%, bastante próximo às estimativas (5,2%). Na mesma base de comparação, o núcleo do índice subiu 5,1%, ao passo que os preços dos produtos derivados do petróleo caíram 1,2%, depois de apresentar alta por vários meses consecutivos.

No Japão, o PIB revisado do terceiro trimestre mostrou queda mais acentuada do que as divulgações anteriores, - 0,5% em relação ao trimestre anterior. Em termos anualizados a queda foi de 1,8%, reforçando a forte desaceleração da atividade no país, em especial das exportações, resultado tanto de uma atividade mundial mais fraca quanto da apreciação do iene. A demanda doméstica apresentou a maior revisão na variação ante o trimestre anterior, de 0,1% para - 0,3%, confirmando a retração na confiança do consumidor e a menor disposição a

consumir. Com o resultado, acumulam-se dois trimestres consecutivos de contração do PIB, configurando a recessão no país.

A produção industrial japonesa registrou queda de 3,1% em outubro, depois de registrar alta de 1,1% no mês anterior. O indicador vem, entretanto, apresentando meses de altas e baixas alternados. Na comparação interanual, a produção caiu para a menor taxa da série, 7,1%, após registrar uma aceleração de 0,2%. Como consequência disso, o indicador que mede a utilização da capacidade instalada de outubro teve queda de 3,9%, principalmente pelo forte declínio na demanda por exportações japonesas. Para completar, a confiança do consumidor em novembro ficou em linha com as expectativas (28 pontos) registrando 28,7 pontos, recorde de menor pontuação.

Na sexta-feira, o primeiro-ministro japonês, Taro Aso, anunciou mais 23 trilhões de ienes (US\$ 255 bilhões) para incentivar a economia do país. Mais da metade do montante será usado para estabilizar os mercados financeiros. O pacote inclui ainda redução de impostos e projetos de financiamento público.

Na China, as vendas no varejo registraram crescimento interanual de 20,8% em novembro, em termos nominais, desacelerando em relação a outubro (22%), obtendo o pior resultado desde fevereiro deste ano (19,1%). As vendas de automóveis caíram mais que a metade, para 7,7%. As vendas reais, deflacionadas pelo índice de preços ao consumidor (CPI), mostraram expansão de 16,2% em relação ao mesmo mês do ano passado.

A China apresentou forte desaceleração das exportações em novembro, segundo dados divulgados na quarta-feira. As exportações apresentaram elevada queda de 2,2% na comparação interanual (sendo que a expectativa era de incremento de 15%), uma redução marcante já que no mês anterior o crescimento foi 19,2%. É a primeira queda desde início de 2002. As importações seguiram mesma tendência, com contração ainda mais acentuada de 17,9%, ante crescimento de 15,6% em outubro. Com isso, a balança comercial apresentou saldo superavitário

de US\$ 40,09 bilhões. O PMI (Purchasing Managers Index) chinês em novembro ficou em 38,8 pontos. Nos Estados Unidos, o indicador semelhante está em 36,2 e na União Européia, 35,6. Quando o número fica abaixo de 50 pontos, indica que a economia está em processo de contração.

O governo chinês já previa que o ritmo de crescimento seria menor, tanto os cortes de energia promovidos pela China no meio do ano fazem mais sentido agora. Na época, isso foi encarado como uma medida para diminuir a poluição para as Olimpíadas. Porém, a análise dos dados hoje mostra que a redução não aconteceu somente na região onde os jogos foram disputados, mas no país inteiro, sinal de previsão de redução de crescimento pelo governo.

Ainda em relação ao crescimento na China, o Banco Mundial estimou que o crescimento chinês no ano que vem será de 7,5%, o menor ritmo em quase duas décadas.

Junto com a desaceleração da atividade, a inflação também vem perdendo força, como indica o índice de preços ao produtor (PPI) chinês, que apresentou forte desaceleração em novembro, passando de 6,6% para 2%, ambos na comparação interanual. A queda nos preços das principais commodities, em especial do petróleo, que registrou recuo de 14,7% no PPI na comparação com novembro do ano passado, contribuem para o resultado, além da atividade mundial bem enfraquecida. O índice de preços do consumidor (CPI) reforça o resultado do PPI divulgado na quarta-feira, de desaceleração da inflação em novembro. O CPI surpreendeu as expectativas (3,3%) ao desacelerar para 2,4% após vários meses apresentando inflação elevada, chegando à menor marca atingida em dois anos. A desaceleração, mais uma vez, é causada principalmente pela queda nos preços do petróleo e de outras commodities.

Na Índia, o governo anunciou na sexta-feira que a produção industrial do país teve a primeira queda mensal em 15 anos. O índice IIP recuou 0,4% em outubro na comparação com o mesmo mês do ano passado.

Na Rússia, o governo anunciou na sexta-feira que o país já está em recessão. De acordo com a agência AFP, o vice-ministro de Desenvolvimento Econômico, Andrei Klepach, afirmou que o país terá dois trimestres seguidos de contração do PIB. No início da semana, a S&P já havia rebaixado a nota de crédito do país, esperando uma desaceleração brusca do PIB russo em 2009, com queda na produção econômica do país e problemas com as exportações, principalmente de petróleo, que não deve subir a níveis elevados em 2009. Para tentar conter a desvalorização do rublo, o governo russo tem usado as reservas internacionais, que já diminuíram de agosto para cá de US\$ 583 bilhões para US\$ 455 bilhões. A queda abrupta do petróleo afeta diretamente a Rússia, um dos maiores produtores do mundo; e a invasão à Geórgia, em agosto, também está custando caro ao país, que gastou muito na empreitada e perdeu investidores.

No que diz respeito aos cortes de juros, esta semana tivemos mais países adotando a medida, com a África do Sul cortando os juros na quinta-feira, reduzindo a taxa de 12% para 11%; a Coréia, cortando a taxa de juros de 4% para 3%, também na quinta-feira, acima da expectativa de corte de 0,50 ponto percentual feita pelo mercado, e levando à taxa mais baixa desde 2004; e a Suíça, também na quinta-feira, em 0,50 ponto percentual, quarto corte em menos de dois meses.

Finalmente, nos voltando um pouco para nossa região, como já temos comentado em relatórios anteriores, vemos que nossos vizinhos começam a encarar o Brasil como o grande país capitalista da região e ameaçam não pagar suas dívidas com nosso país, além de reivindicar concessões despropositadas. O Equador não quer pagar a dívida ao BNDES, e tem o apoio da Venezuela e de outros países em torno de Chávez. Na Bolívia, possivelmente teremos mais problemas pela frente já que o preço do gás pago ao país é definido por um índice tendo como base o preço médio do óleo combustível dos últimos três meses, e como as commodities despencaram, o preço do óleo despencou também e no próximo reajuste do gás o

preço vai ter que cair, reduzindo assim, pela metade, a receita para a Bolívia. Para completar, na terça-feira o Paraguai fez uma proposta ao Brasil de perdoar US\$ 19 bilhões da dívida do país com o Brasil, relacionada à construção de Itaipu. Quer que o Brasil assuma a parte da dívida do Paraguai na construção da usina, já que o Brasil consumiu mais de 90% da energia. O problema é que o Brasil tem direito a 50% e o restante vem sempre sido pago ao Paraguai, além do fato do Paraguai não utilizar sua parte porque não tem capacidade. Não há nenhuma razão para que o Brasil pague sozinho o restante da dívida.

Cenário Interno

Segundo a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é o único país entre os desenvolvidos e BRICs (Brasil, Rússia, Índia e China) que não apresenta sinais de forte desaceleração na atividade. De acordo com o relatório da instituição, a situação mundial apresentou forte deterioração em outubro, alertando para a possibilidade de seus membros caminharem para a pior recessão desde 1980. Um cenário otimista para o Brasil foi mantido, com a expectativa de crescimento de 3% em 2009.

Ainda em relação a estimativas positivas, conforme pesquisa da Ibope-NovaS/B junto a consumidores, apesar de 67% dos entrevistados manifestarem intenção de reduzir os gastos nos próximos seis meses, 55% indicaram que esperam melhora das próprias condições financeiras no mesmo período. Os consumidores também se mostraram avessos a empréstimos, com 67% deles respondendo negativamente à pergunta referente à possibilidade de contração de dívidas para a aquisição de bens de consumo duráveis e imóveis. O destaque, porém, é para o fato de que a perspectiva de melhora na economia ainda é mais forte: 34% esperam melhora, contra 33% que esperam manutenção das condições atuais e 29% que esperam piora.

No intuito de conter a desaceleração mais forte da economia projetada para 2009 e procurando minimizar os impactos da crise mundial no País, o governo anunciou na quinta-feira medidas de estímulo ao consumo. O foco se concentrou, principalmente, no crédito – tanto doméstico como externo –, na renda e no setor automobilístico. O anúncio inclui cortes em impostos como, imposto de renda, imposto sobre produtos industrializados (IPI) dos automóveis e o imposto sobre operações financeiras (IOF) sobre as compras a prazo e o cheque especial. Para o imposto de renda para pessoa física, houve ampliação para quatro alíquotas ante as duas existentes anteriormente, com redução substancial. De acordo com

estimativas do governo a renúncia fiscal, apenas para o imposto de renda, será de R\$ 4,9 bilhões, sendo que o total do pacote poderá chegar a R\$ 8,4 bilhões em 2009.

Adicionalmente, o presidente do Banco Central (BACEN), Henrique Meirelles, anunciou que as reservas internacionais poderão ser utilizadas para financiar o pagamento da dívida externa de algumas empresas brasileiras, tanto públicas quanto privadas. Esta medida visa reduzir os juros internos para empréstimos e estabilizar o mercado de câmbio, maior problema até agora do Governo. O montante que poderá ser utilizado nessas operações será, inicialmente, de US\$ 10 bilhões, que deverão voltar aos caixas do Governo em até um ano.

Ainda no sentido de ajudar a economia, a Câmara dos deputados aprovou na quarta-feira o projeto de lei que cria a categoria tributária do micro empreendedor individual (MEI), com teto de renda anual bruta de até R\$ 36 mil. As regras garantem o acesso a direitos como aposentadoria por idade, licença-saúde ou licença-maternidade a partir da contribuição de R\$ 45,65 ao INSS, R\$ 1 em ICMS e R\$ 5 em ISS, além de simplificar a adesão à Previdência. Com a nova lei, o governo prevê que cerca de 10 milhões de trabalhadores conseguirão sair da informalidade. O projeto só requer agora a sanção do presidente e, caso aprovado, entrará em vigor em primeiro de julho de 2009.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva também pediu, na quarta-feira ao Senado, urgência na aprovação da lei que cria o Fundo Soberano do Brasil (FSB). O presidente pretende utilizar os R\$ 14,2 bilhões para executar um programa de gastos públicos com o objetivo de dar suporte à demanda da economia em 2009.

Para a Anefac (Associação Nacional dos Executivos de Finanças Administração e Contabilidade), a decisão, esta semana, do governo de pressionar o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal a baixarem as taxas de juros pode fazer com que os bancos privados também reduzam os juros. Isso porque aumentaria a competição entre eles. Na quinta-feira, um a pesquisa do mesmo órgão já havia mostrado que, embora a taxa básica de juros da economia, a Selic, tenha sido

reduzida em seis pontos percentuais pelo Banco Central desde setembro de 2005, de 19,75% para 13,75%, a taxa praticada pelos bancos para pessoas físicas está exatamente no mesmo patamar, em 141,12% ao ano. Esta taxa não cede, sobretudo agora pelo fato do crédito em todo o mundo está mais caro, por haver uma demanda interna maior sobre o crédito brasileiro, e por estar mais alto o risco de ocorrerem problemas de pagamento por parte dos consumidores, já que as incertezas com a economia também estão maiores.

Na decisão mais esperada da semana, o Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil decidiu pela manutenção da taxa de juros na quarta-feira, pela segunda vez consecutiva, em 13,75% ao ano. Ainda que a maioria tenha discutido um corte na taxa de juros, o resultado foi unânime. A aposta dos economistas é de corte na taxa de juros no começo do ano que vem, pois mesmo com os riscos do câmbio na inflação (o que ainda não aconteceu), a queda nas commodities, a desaceleração da atividade econômica no país e a queda na demanda devem segurar a inflação, não justificando a manutenção da taxa no patamar atual.

Em relação aos indicadores da economia, o PIB do terceiro trimestre avançou 6,8% em relação ao terceiro trimestre de 2007, o que correspondeu à expansão de 1,8% ante o período imediatamente anterior na série livre de efeitos sazonais, conforme divulgado na terça-feira pelo IBGE. Ambos os resultados superaram as medianas das projeções do mercado (taxas de 5,8% e 1,3%). Este crescimento foi puxado pelo consumo das famílias, que apresentou alta, na comparação interanual, de 7,3% e pelos investimentos, com alta de 19,7%. Juntos, estes dois componentes fizeram o consumo interno subir 9,4% na mesma base de comparação, revelando que a demanda doméstica continua impulsionando o crescimento do país. Contudo, esse cenário positivo reflete o passado e não revela a mudança súbita ocorrida a partir de outubro na economia global e doméstica. Para 2009, a desaceleração no crescimento já é esperada. Tudo se encaminha na direção de um número negativo para o quarto trimestre de 2008

porque caíram a produção industrial, a produção e a venda de automóveis, a produção e a venda de todo o complexo de mineração, da siderurgia e da metalurgia.

Apoiando esta expectativa de redução do crescimento, o Banco Mundial reduziu na terça-feira a projeção do crescimento do Brasil em 2009 de 4,3% para 2,8%. O problema para o país, segundo economistas do banco, é que as exportações brasileiras devem sofrer com a queda generalizada dos preços das commodities. Para 2010, o banco prevê recuperação, com crescimento de 4%.

Segundo dados preliminares, a arrecadação do Governo Federal no terceiro trimestre de 2008 ficou 6% abaixo do esperado pelo governo, no período. Apesar disto, as receitas administrativas deverão atingir cerca de R\$ 470 milhões, dentro do esperado. Porém, este baixo crescimento do último trimestre será compensado pela arrecadação nos períodos anteriores.

Já mostrando uma desaceleração da atividade no último trimestre de 2008, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) divulgou na quinta-feira o Sinalizador da Produção Industrial de São Paulo (SPI) referente a novembro, que mostrou queda na atividade de 6% na margem e de 6,3% na comparação com o mesmo período do ano passado. Mesmo sendo restrito à indústria do Estado de São Paulo, este indicador vem se mostrando um bom antecedente para o resultado oficial divulgado pelo IBGE, que abrange outras regiões do país.

No mesmo sentido, segundo o IBGE na Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES), divulgada na quarta-feira, a ocupação industrial registrou em outubro incremento de 1,6% em relação ao mesmo mês de 2007, o que correspondeu ao menor avanço desde março do ano passado, nessa base de comparação. Na margem, já descontados os efeitos sazonais, houve recuo de 0,2%. Fazendo uma análise para os últimos 12 meses, notamos que ocorreu aceleração até agosto, e arrefecimento desde então.

Ainda em relação a desaceleração da atividade, a Associação Brasileira de concessionárias de Rodovia (ABCR) anunciou queda de 2,0% em novembro em relação a outubro (-1,33%) no índice do fluxo de veículos pesados, livres de efeitos sazonais. Este resultado reforça a tendência de desaceleração da atividade industrial, em linha com a Pesquisa Mensal da Indústria em outubro. O fluxo de veículos leves, por sua vez, mostrou alta de 0,5% em relação a setembro, já livre de efeitos sazonais, e alta de 4,4% em comparação com o mesmo mês do ano anterior.

Já em relação a uma Pesquisa feita pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) com 1205 empresas, os resultados mostram que o setor ainda se mantém com perspectivas otimistas para a economia. Para 39% dos entrevistados as vendas no próximo ano deverão superar as de 2008 e para 39% deles, a rentabilidade dos negócios deverá permanecer como a deste ano. Em relação ao nível de emprego, mais da metade (55%) dos pesquisados dizem que deverão manter o quadro de funcionários. A indústria paulista ainda vem mantendo estabilidade, enquanto que o restante do país já apresenta queda (-1,7% conforme o último dado disponível), o que pode acabar contribuindo para um resultado um pouco mais otimista. A Fiesp, contudo, ressalta que tendo em vista a queda rápida da confiança entre os industriais, ela espera um resultado menos positivo já na próxima pesquisa.

A pesquisa Focus desta semana divulgada pelo BACEN mostrou que as expectativas de inflação caíram tanto para este ano, de 6,35% para 6,20%, como para o ano que vem, de 5,25% para 5,20%. A taxa Selic de final de 2008 se manteve em 13,75%, e para o final de 2009 passou de 13,50% para 13,25%. Já a taxa de câmbio subiu para o final deste ano e para o final de 2009, de R\$/US\$ 2,20 para R\$/US\$ 2,27 e de R\$/US\$ 2,15 para R\$/US\$ 2,20.

Na sexta-feira da semana anterior, segundo divulgou o IBGE, o IPCA de novembro apresentou alta de 0,36%, desacelerando em relação a outubro (0,45%) e bastante abaixo do esperado pelo mercado (0,50%). Alimentação no

domicílio apresentou alta de 0,61%, recuando em relação ao mês anterior por conta de cereais, leguminosas e carnes; alimentação fora do domicílio registrou elevação de 0,35%; habitação (0,43%), influenciada pela da saída de diversos reajustes; e vestuário (0,71%) que vem arrefecendo, mesmo em uma época do ano em que a tendência é de alta. O núcleo, que se manteve pressionado durante o ano, desacelerou para 0,36%.

O IPC-FIPE da primeira quadrissemana de dezembro registrou alta de 0,28%, ligeiramente abaixo do esperado pelo mercado (0,31%). De forma geral, a maioria dos grupos desacelerou nesta primeira prévia de dezembro em relação a novembro, contribuindo para este resultado. Destacam-se os itens: Alimentação (de 0,60% para 0,38%), Habitação (de 0,33% para 0,22%), Transportes (de 0,26% para 0,13%) e Saúde (de 0,31% para 0,24%). Já despesas pessoais, vestuário e educação aceleraram em relação à divulgação anterior.

A FGV divulgou na quarta-feira a primeira prévia do IGP-M de dezembro, que mostrou alta de 0,14%. O IPA desacelerou para 0,04%, com destaque para a queda dos preços dos produtos industriais (-0,15) e a volta da variação positiva do IPA agrícola (0,59%). O IPC, por outro lado, voltou a acelerar, registrando alta de 0,36%, puxada pela forte expansão de alimentação para 0,36%. Por fim, o INCC teve forte desaceleração, para 0,27% ante 0,70% na divulgação anterior.

Ainda segundo a FGV, o IGP-DI de novembro apresentou alta de 0,07%, bastante abaixo do esperado pelo mercado (0,33%). Adicionalmente, o IPC-S da primeira quadrissemana de dezembro foi divulgado na segunda-feira, registrando alta de 0,73%. O destaque ficou por conta da aceleração dos alimentos, que chegaram a 1,36%. Parte dessa aceleração no IPC-S, contudo, se deve a mudança nos pesos que ocorrem no início do mês.

O saldo da balança comercial brasileira registrou déficit de US\$ 435 milhões na primeira semana do mês, divulgado pela Secex, resultado de importações de US\$ 3,422 milhões (com média diária de US\$ 684,4 milhões) e de exportações de US\$ 2,987 milhões (cuja média diária foi de US\$ 597,4 milhões). Pelo lado das

exportações, os destaques ficaram por conta das vendas de petróleo em bruto, celulose e máquinas para terraplanagem. Já para as importações, as compras de produtos de borracha, aeronaves e peças e bens siderúrgicos ficaram em destaque. No acumulado do ano, o saldo comercial foi de US\$ 21,988 bilhões.

A produção de grãos para o próximo ano está estimada em 140,2 milhões de toneladas, uma contração de 3,8% em relação a 2008, segundo a divulgação da décima primeira estimativa da safra nacional de grãos feita pelo IBGE. A tendência para 2009 é de uma expansão da área plantada em relação a 2008, porém com redução da produção devido aos elevados preços dos insumos e a queda dos preços das commodities, além da contração da demanda internacional e das maiores restrições de crédito enfrentadas pelo setor. Os produtos arroz em casca, cebola e feijão (da primeira safra) apresentarão variações positivas em relação à área colhida este ano; por outro lado, algodão herbáceo em caroço e amendoim em casca (da primeira safra) deverão apresentar variações negativas.

Mercado Financeiro

Mais uma semana de ganhos na Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), 11,39% de alta, nos leva a esperar um final de ano mais tranquilo, com algo acima dos 40.000 pontos. O problema é que a volatilidade ainda é muito alta, deixa o mercado sem parâmetro, guiado por expectativas e muita especulação. Ainda estamos longe do Nirvana, ainda não podemos respirar aliviados. Fazendo uma análise mais minuciosa, indicamos cinco fatores que podem tirar o mercado do vermelho: o preço baixo das ações, que atrai investidores no curto prazo; a posse de Barack Obama e novos investimentos nos Estados Unidos; novos pacotes de estímulo para infra-estrutura; cortes nos juros; a antecipação do fim da crise com a utilização do dinheiro dos pacotes e planos de ajuda. O preço baixo das ações é um fator que alterará os cursos dos mercados no dia a dia, os outros fatores estão totalmente ligados a expectativas, o que não nos passa total segurança em um futuro positivo no mercado financeiro.

Vemos um bom exemplo desta volatilidade quando pegamos o detalhe de cada dia desta semana na Bovespa.

Na segunda-feira tivemos alta nominal de 8,31% na Bovespa, longe de ser um movimento contínuo, reflexo do comportamento volátil dos mercados em todo o mundo. As bolsas subiram pela expectativa do plano de infra-estrutura que o presidente eleito dos Estados Unidos, Barack Obama, disse que quer fazer e pela possibilidade de votação pelo congresso americano do acordo para as montadoras. A valorização das commodities, como metais e petróleo, no mercado internacional, favoreceu as ações da Vale, de algumas siderúrgicas e da Petrobrás, contribuindo ainda mais para esta forte recuperação do Ibovespa.

Nos mercados internacionais, o dia foi de ganhos, como mostra o desempenho das bolsas asiáticas e européias. No Japão, a bolsa de valores fechou em alta de 5,19%; em Hong Kong (China) a valorização foi acentuada, de 8,65%; em Londres, subiu 6,19%; em Paris, fechou em alta de 8,41%; e na Alemanha, alta de 7,63%.

No mercado cambial, o dólar operou durante uma boa parte da segunda-feira em queda. Entretanto, os investidores estrangeiros e os bancos com posições compradas (apostas contra o real) forçaram o preço do dólar para cima buscando aumentar a oferta de liquidez pelo Banco Central. Sendo assim, o dólar fechou em alta de 1,05%, sendo negociado a R\$ 2,50.

No cenário corporativo aqui no Brasil, a Vale anunciou que suspendeu as operações de duas unidades de produção de pelotas no porto de Tubarão, Espírito Santo, cuja capacidade total é de 7,3 milhões de toneladas métricas anuais. A valorização dos metais, entretanto, favoreceu as ações da Vale, e os papéis PNA da Usiminas e PN da Gerdau, que encerraram em forte alta de 15,41% e 14,37%, respectivamente.

As ações ON da Positivo operaram em forte alta na segunda-feira, com a notícia de que a empresa brasileira fabricante de computadores de mesa e portáteis está prestes a ser vendida para uma multinacional de informática.

Na terça-feira a Bovespa foi volátil durante todo o dia, alternando momentos de baixa e alta, e fechou com queda de 0,83%, aos 37.968 pontos. Muitos investidores fizeram giro de investimentos, comprando e vendendo, basicamente, a mesma quantidade de ações, em um mercado que não se animou com o resultado do PIB do terceiro trimestre da economia brasileira. Também pesou para a queda da bolsa por aqui o dia negativo das bolsas americanas.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas fecharam sem direção definida. A bolsa de Tóquio encerrou em alta limitada de 0,80%, devido à queda acima do esperado do PIB do país no terceiro trimestre. Já a bolsa de Hong Kong fechou em queda de 1,94%, após o resultado das exportações na China, que vieram abaixo das expectativas do mercado.

Na Europa, as principais bolsas encerraram em alta na terça-feira. A bolsa de Londres subiu 2,06%, a de Paris avançou 1,55% e a da Alemanha apresentou valorização de 1,34%.

Nos Estados Unidos, as bolsas de valores operaram com instabilidade na terça-feira. O Dow Jones fechou com queda de 2,72%, o S&P500 caiu 2,31% e o Nasdaq fechou com -1,55%, na expectativa do acordo para o resgate às montadoras americanas, dados negativos e previsões pessimistas de empresas.

O mercado cambial também mostrou instabilidade nesta terça-feira. O Banco Central voltou ao mercado e vendeu parcialmente os contratos de swaps cambiais oferecidos em leilão. A autoridade monetária vendeu US\$ 3,22 bilhões em contratos. A moeda americana fechou o dia com desvalorização de 1,12%, negociada a R\$ 2,47.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, a Petrobrás informou a ANP (Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustível) uma nova descoberta de indícios de óleo e gás no Rio Grande do Norte. A descoberta foi informada a ANP na sexta-feira, porém, a notificação não significa que a petrolífera tenha determinado se a comercialização do óleo é viável ou não. Apesar da notícia, a queda do petróleo no mercado internacional puxou as ações de petróleo para baixo. Na Nymex, o barril do petróleo encerrou em queda de 3,75%, cotado à US\$ 42,07.

A Positivo Informática efetuou na terça-feira um esclarecimento em relação às notícias de que executivos da Dell e da Lenovo estiveram na sede da companhia, em Curitiba, demonstrando um primeiro passo para a compra da companhia, e que a empresa brasileira teria contratado o banco UBS Pactual para conduzir o processo. Em sua resposta, a Positivo informou que não há qualquer fato relevante que deva ser divulgado ao mercado e que mantém um relacionamento de longo prazo com o UBS Pactual, que assessora a empresa na coordenação e organização de eventuais proposições feitas por terceiros.

Os papéis PN do Pão de Açúcar figuraram entre as maiores desvalorizações do Ibovespa, devido ao fato do Credit Suisse reduzir a recomendação das ações da empresa de outperform (desempenho superior à média) para underperform (abaixo da média).

A quarta-feira foi um dia todo positivo na Bovespa, com alta de 2,73%, aos 39.004 pontos. A alta foi impulsionada pelo bom dia das ações da Petrobras, da Vale e das siderúrgicas, que representam 43,85% do Ibovespa. Só as ações preferenciais da Petrobras subiram 9,09%. A Vale teve alta de 6,66%. Para a alta da Vale e das siderúrgicas, a explicação ainda era a possibilidade de aprovação do pacote de ajuda às montadoras nos Estados Unidos.

No mercado internacional, a bolsa de valores de Tóquio encerrou em alta de 3,15%, e a bolsa de Hong Kong encerrou com forte valorização de 5,59%.

Já na Europa, o mercado mostrou cautela, e a bolsa de Paris apresentou valorização de 0,68%, com a da Alemanha subindo 0,54%. Já a bolsa de Londres encerrou com perdas de 0,49%.

Nos Estados Unidos, as bolsas de valores operaram em alta neste pregão, com os investidores aguardando o anúncio do plano de resgate às montadoras.

No mercado cambial, o Banco Central vendeu parcialmente os contratos de swaps cambiais oferecidos em leilão. A autoridade monetária vendeu US\$ 3,01 bilhões em contratos. Com isso, a moeda americana fechou o dia com desvalorização de 1,70%, negociada a R\$ 2,43.

Entre as notícias corporativas aqui no Brasil, na terça-feira, representantes do Itaú Unibanco se recusaram a garantir, por escrito, a estabilidade de seus empregados durante o processo de fusão das duas entidades financeiras. A garantia de estabilidade era a principal reivindicação dos bancários. Dos quinze pontos propostos pela categoria, os bancos aceitaram apenas dois: a suspensão das contratações e a criação de um sistema de remanejamento interno para evitar demissões.

O presidente da Vivo informou que a maior operadora de telefonia móvel do país pretende manter o nível de investimento em 2009, cerca de R\$ 3 bilhões. O presidente da companhia também informou que a forte alta do dólar criou um problema, pois serão feitos repasses para os preços dos aparelhos já no primeiro trimestre de 2009.

Na quinta-feira, depois de operar a maior parte do dia em alta, a Bovespa inverteu a tendência no fim do pregão e fechou em baixa de 1,24%, nos 38.519 pontos. A queda não teve relação com as medidas anunciadas pelo governo, estando ligada às bolsas em Nova York, que ficaram negativas durante todo o dia.

No mercado internacional, as bolsas asiáticas operaram com valorização, repercutindo o bom desempenho das bolsas norte-americanas na véspera e otimistas com a tramitação do plano de resgate para as montadoras dos Estados Unidos. A Bolsa de Tóquio encerrou o pregão com alta de 0,70% e a de Hong Kong, com valorização de 0,23%.

No mercado acionário europeu, os investidores demonstraram preocupação diante da expectativa de aprovação pelo Senado do plano de US\$ 14 bilhões para resgate da indústria automobilística. A bolsa da Alemanha fechou com queda de 0,78%, Paris caiu 0,43%, enquanto em Londres, a bolsa fechou em alta de 0,49%.

Nos Estados Unidos, o Dow Jones fechou em queda de 2,24% e S&P500 e Nasdaq caíram 2,85% e 3,68%, respectivamente.

O dólar apresentou uma queda significativa na quinta-feira, refletindo as atuações do BACEN. A autoridade monetária ofereceu mais 69,5 mil contratos de swap cambial com rolagem no dia 2 de janeiro. A moeda norte-americana fechou o dia com desvalorização de 3,50%, negociada a R\$ 2,34.

No ambiente corporativo, a Braskem anunciou na quarta-feira à noite que reduziu as taxas de utilização de capacidade de suas plantas da Unidade de Petroquímicos Básicos, na tentativa de normalizar os níveis de estoques, que se encontram elevados diante da queda da demanda internacional. Este ajuste deve durar até o final de dezembro, quando uma nova avaliação dos estoques será feita.

A Vivo Participações informou que começará a utilizar as subfaixas de frequência J, que possibilitam a operação na frequência 3G. Para isso, a Vivo irá desembolsar R\$ 1,03 bilhão, que poderá ser pago em seis parcelas, com carência de três anos.

A companhia norueguesa Norse Energy anunciou a descoberta de uma reserva de petróleo leve na Bacia de Camamu-Almada, na Bahia. A norueguesa controla 18,3% do bloco, cujo operador é a Petrobrás. Na quarta-feira, o presidente da Petrobrás, José Sergio Gabrielli, informou que a companhia vai buscar desenvolver cada vez mais a produção de óleo leve, commodity mais valorizada no mercado do que o óleo pesado produzido na bacia de Campos.

Também entre as maiores altas do Ibovespa, estiveram os papéis ON da Rossi Residencial, na expectativa de que as medidas que o governo prometeu beneficiem o consumo interno.

Em meio às notícias de que a fabricante de aviões Embraer estaria planejando o corte de 4 mil empregados, os papéis ON da empresa figuraram entre as maiores quedas do Ibovespa.

Na sexta-feira, a possibilidade de ajuda para as montadoras, pela Casa Branca, e de um estímulo para o mercado de computadores ajudou a impulsionar as bolsas americanas. Isto ajudou a melhorar o ânimo da Bovespa, que fechou em alta de 2,22%, aos 39.373 pontos. Neste mês, a bolsa de São Paulo acumula um ganho de 7,59%, e só nesta semana, a alta é de 11,39%. Além disso, por aqui, subiram as ações das Lojas Americanas e, mesmo com a queda nas commodities, os papéis da Petrobras e da Vale também tiveram ganho. Mesmo com a alta, o pregão na Bovespa foi volátil. Registrou queda forte pela manhã, subiu no início da tarde, oscilou e só fechou mais forte pela procura de ações domésticas.

Lá fora, a volatilidade também foi a marca. O Dow Jones, depois de ficar a maior parte do dia em queda, fechou em alta de 0,75%. O Nasdaq subiu 2,18% e o S&P500 também subiu, 0,7%.

Na Ásia, as perdas foram expressivas: Hong Kong caiu 5,48%; Tóquio, 5,56%; Seul, 4,38%; Xangai, 3,8%; Taiwan, 3,7%. Cingapura caiu 3% e Sidney fechou em queda de 2,43%. As montadoras Honda e Toyota tiveram retração de 12,5% e 10%, respectivamente, na bolsa de Tóquio. Investidores partiram para a segurança de títulos de governo e do iene, que atingiu o patamar mais alto em 13 anos.

A rapidez da variação do dólar em relação ao iene, que levou a moeda norte-americana para abaixo do nível de 90 ienes, aumentou preocupações de que autoridades japonesas atuarão no mercado para estabilizar a moeda.

Investidores fugiram de ações e buscaram os Treasuries do governo norte-americano, levando o rendimento dos títulos de 10 anos para o nível mais baixo em mais de cinco décadas. A caça a barganhas que vinha ajudando a levantar o valor de ações na última semana acabou diante da piora da perspectiva econômica global.

No plano corporativo aqui no Brasil, em comunicado ao mercado, a Petrobras informou na sexta-feira o fechamento de um empréstimo no valor de US\$ 750 milhões com um grupo de instituições financeiras do Japão. Os recursos serão utilizados no programa de investimentos da refinaria Henrique Lage (Revap), instalada em São José dos Campos (SP). De acordo com estatal, o projeto visa ao aumento da capacidade de processamento de óleo pesado da unidade, bem como a melhoria da qualidade dos derivados ali produzidos. Com prazo de 10 anos para pagamento, a linha de crédito foi disponibilizada pelos bancos Sumitomo Mitsui Banking Corporation (SMBC), Mizuho Corporate Bank e Tokyo-Mitsubishi UFJ, Ltd.

Maiores na SEMANA (período de 08 a 11 de dezembro)

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Vcp PN	16,40	31,11	Pao de Acucar-CBD PN	34,00	-10,29
BMF Bovespa ON	6,00	26,58	Copel PNB	24,60	-9,72
Petrobras ON	26,93	25,25	Br.Telecom PN	14,92	-9,51
Gafisa ON	10,16	24,05	CPFL Energia ON	32,01	-8,59
Usiminas PNA	27,40	23,42	Cemig PN	32,55	-8,31
Petrobras PN	22,33	22,95	Telemar N L PNA	59,00	-8,09
Usiminas ON	25,33	22,37	Light S.A. ON	22,67	-7,28
Duratex PN	14,99	21,87	Natura ON	20,87	-7,21
Cyrela Realt ON	9,75	21,87	Br.Tel.Part. PN	19,00	-6,91
Sid. Nacional ON	28,34	21,59	Eletrabras PNB	25,19	-6,52

Maiores no ANO (período de 08 a 11 de dezembro)

Altas	Preço	(%)	Baixas	Preço	(%)
Nossa Caixa ON	64,61	184,29	Aracruz PNB	1,88	-84,85
Natura ON	20,87	29,45	Rossi Resid. ON	3,41	-84,84
Transm. Paulista PN	43,89	24,82	Gol PN	9,80	-77,46
Br.Tel.Part. ON	56,00	24,45	Vcp PN	16,40	-69,74
Eletrabras PNB	25,19	16,50	Cesp PNB	13,20	-69,43
Telemar N L PNA	59,00	15,48	Gafisa ON	10,16	-69,15
Telesp Atual PN	47,01	15,46	Duratex PN	14,99	-64,56
Eletrabras ON	27,01	14,71	Sadia S.A. PN	3,63	-63,12
Telemar PN	33,60	11,33	B2W Varejo ON	26,40	-62,74
Souza Cruz ON	48,50	7,68	Cyrela Realt ON	9,75	-59,65

Fatos econômicos da semana seguinte

A semana que começa dia 15 de dezembro contará com uma agenda carregada de indicadores relevantes tanto no fronte doméstico quanto no ambiente internacional. O destaque no Brasil deverá ficar por conta da ata do Copom, juntamente com os dados do comércio, do mercado de trabalho e números de inflação. Já no fronte externo, além de informações sobre atividade e inflação nas principais economias, teremos as decisões do BoJ, do BoE e do FOMC em relação à taxa de juros nos respectivos países.

No Brasil, na segunda-feira o Banco Central apresentará sua Pesquisa semanal Focus; a SECEX os dados da Balança Comercial brasileira da segunda semana de dezembro; e o presidente Henrique Meirelles, do BACEN, participará do encerramento do Seminário "Reavaliação do Risco Brasil", em São Paulo. Na terça-feira, a FGV divulgará os dados do IPC-S da segunda quadrissemana de dezembro e o IGP-10 de dezembro; o presidente Henrique Meirelles, do BACEN, participará de audiência pública na Comissão de Constituição e Justiça do Senado, em Brasília, e participará de solenidade de posse da nova diretoria da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), em Brasília; o IBGE divulgará a Pesquisa Mensal de Comércio de outubro; e a FUNCEX os Índices de Preços de Quantum de novembro. Na quarta-feira, a Fipe divulgará o IPC da segunda quadrissemana de dezembro, e o BACEN o fluxo cambial semanal. Na quinta-feira, teremos a Ata do COPOM publicada pelo BACEN; reunião semanal da CMN; e a FGV publicará a segunda prévia de dezembro do IGP-M. Na sexta-feira, teremos a Pesquisa Mensal de Emprego de novembro e o IPC-15 de dezembro, ambos pelo IBGE; e o BACEN publicará Nota à Imprensa sobre o setor externo em novembro.

No exterior, nos Estados Unidos, na segunda-feira teremos o Empire Manufacturing de dezembro; a produção industrial de novembro; a utilização da

capacidade instalada em novembro; e o Índice de confiança de empresários do setor imobiliário (NAHB) de dezembro. Na terça-feira, teremos o CPI de novembro; construção de novas residências e permissões de novas construções de novembro; e a decisão sobre juros do FOMC. Na quarta-feira, serão publicados os dados semanais do setor hipotecário; os estoques de petróleo e derivados semanais; e a conta corrente do terceiro trimestre de 2008. Na quinta-feira, teremos os pedidos iniciais de auxílio desemprego semanais; o discurso de Paulson em Nova York; o indicador de atividade FED de Filadélfia de dezembro; e indicadores antecedentes de novembro.

Na Zona do Euro, na segunda-feira teremos o discurso de Trichet em Frankfurt. Na terça-feira, teremos o PMI de dezembro. Na quarta-feira teremos o CPI de novembro.

Tratando da Alemanha em detalhe dentro da Zona do Euro, na terça-feira teremos o PMI de dezembro. Na quarta-feira, teremos o CPI de novembro. Na quinta-feira, o índice IFO de confiança do consumidor de dezembro. Na sexta-feira, teremos o PPI de novembro.

No Reino Unido, na terça-feira teremos o CPI de novembro. Na quarta-feira teremos a taxa de desemprego de outubro e a decisão sobre juros do BoE. Na quinta-feira, teremos as vendas no varejo de novembro.

No Japão, na sexta-feira, teremos a decisão do BoJ sobre taxa de juros no país.

Finalmente, na China, na segunda-feira, teremos a produção industrial de novembro.

Yann Le Boulluec Alves – ECONOMISTA CHEFE

yann.alves@grupofundamentum.com.br

TERMO DE EXONERAÇÃO DE RESPONSABILIDADE

Este documento tem como objetivo servir de base para a discussão de elementos do ambiente econômico e setorial, através da compilação de informações e exposição de análises e de pontos-de-vista.

Tomamos os melhores cuidados com a confiabilidade das informações e de suas fontes, mas não podemos garantir a exatidão das mesmas ou das análises realizadas sobre elas. Todas as informações aqui contidas a título de "projeção" ou "previsão" se referem a análises com base em elementos e tendências atuais, cujos pressupostos podem mudar significativamente ao longo do tempo. O Grupo Fundamentum e suas coligadas não se responsabilizam por decisões tomadas com base neste relatório. Tanto o Grupo Fundamentum e suas coligadas quanto seus eventuais colaboradores e consultores, bem como convidados que figuram neste relatório, podem manter posições em ativos mencionados neste documento, bem como podem estar participando ou ter participado de projetos de consultoria/assessoria relacionados a organizações e pessoas aqui mencionadas. Os profissionais que figuram neste documento não são, necessariamente, vinculados ao Grupo Fundamentum e suas coligadas em qualquer aspecto. Ainda, no caso deste conteúdo ser distribuído no âmbito de contrato entre Grupo Fundamentum e suas coligadas e Internet Securities do Brasil Ltda (Grupo Euromoney), o Grupo Fundamentum e suas coligadas garantem ter os direitos de utilização econômica e/ou autorais relativos a este material, ou autorização, exceto aqueles dados que estiverem em domínio público. Se o documento foi recebido por engano, ou se não deseja mais recebê-lo, queira responder à mensagem eletrônica com ordem de interrupção do envio como "deletar", ou enviar e-mail com esta solicitação para yann.alves@grupofundamentum.com.br. Este documento não se destina a oferecer ou solicitar compra ou venda de quaisquer bens ou serviços.